

Assim nas páginas como nas margens. Marcas do ler em livros escolares do acervo do Museu da Escola Catarinense (décadas de 20 a 70 do século XX).

Maria Teresa Santos Cunha / PPGE/Mestrado/UDESC/SC

Comunicação Individual: Grupo 7

Arquivos, centros de documentação e museus escolares.

Introdução

O Projeto “ Museu da Escola Catarinense”¹ tem como objetivo “ *um espaço educativo não formal, responsável pela preservação do patrimônio cultural catarinense ligado à educação (...) visando preservar o patrimônio escolar acumulado em diferentes épocas e pontos do território catarinense.* Este acervo reúne um número considerável de materiais relativos aos processos de institucionalização da escolarização formal em Santa Catarina. Em seu recinto estão depositados/preservados livros, cadernos, registros visuais, escritos, sonoros, iconográficos e contam, cada qual à sua maneira, um pouco da história da escola e da cultura escolar em Santa Catarina e no Brasil desde os finais do século XIX até a década de 1970 do século XX.

Numerosos livros constituem este acervo e “se hospedam” em prateleiras e armários à espera de estudos e pesquisas. Portadores de **discursos** variados, alimentadores de imaginários são fontes para o estudo da escola já que são elementos imprescindíveis na constituição de uma cultura escolar. Considerados dispositivos textuais, os livros escolares “*produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por ele menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas*”.²

Dentre as variadas formas que simbolizam as aprendizagens o livro escolar ocupa relevante papel e seu uso sinaliza para práticas de leitura e escrita na educação escolarizada.

¹ Projeto de Pesquisa/extensão “Resgate da História e da Cultura Material da Escola Catarinense/Museu da Escola Catarinense” concebido pela Profª Maria da Graça Vandresen e atualmente sob coordenação da Profª Dra. Vera Lúcia Gaspar da Silva/FAEd/UDESC /SC

² CHARTIER, R.A **História Cultural. Entre Práticas e Representações.** Lisboa. Difel: 1989, p. 17.

Como uma construção social, a idéia da escola educar sujeitos leitores foi sendo produzida nas formas de ensinar e exercitar a leitura, nos discursos de intelectuais interessados na educação de crianças e jovens, e o livro/leitura escolar como um suporte desempenhou importante papel.

Este trabalho, assim, pretende dar lugar de destaque aos livros escolares que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense buscando esclarecer como ocorreram, no contexto da institucionalização da educação elementar, em Santa Catarina, a produção e circulação dos manuais escolares. A partir desse rico acervo, ainda intacto, do ponto de vista de estudos históricos/historiográficos, procurar-se-á montar uma catalogação, um índice analítico que permitirá o avanço dos estudos sobre a história do livro e da leitura escolar e conseqüentemente analisá-los na perspectiva da cultura escolar entendida nos pressupostos defendidos por Dominique Julia como:

“Um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos”³

Este estudo centrará sua atenção, inicialmente, não nos conteúdos explícitos desses livros mas com maior ênfase, neste texto, na materialidade dos seus suportes – marcas de leitura e ilustrações – que contribuem para analisar os saberes que sustentavam a aprendizagem na escola catarinense, como formador de imaginários e subjetividades que carregam em si as marcas de um tempo. A análise da materialidade do suporte é importante já que *“não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido e que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja que não dependa das formas pelas quais atinge o leitor”*.⁴

Em um contexto de progressiva definição dos saberes a serem ensinados pela escola e da paulatina implantação do método simultâneo ,foi necessária também a produção de materiais pedagógicos especialmente destinados ao ensino,como quadros-negros, cadernos e materiais de escrita, livros didáticos. È nesse quadro que se insere, portanto, a pesquisa que dá origem a este texto: sobre os livros escolares que constituem o acervo do Museu da Escola

³ JULIA,D. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**.n.1. São Paulo: Editores Associados.2001. p. 9

⁴ CHARTIER,R. op.cit. p.127.

Catarinense. A pesquisa vem sendo desenvolvida, desde 2003,⁵ e foi prorrogada este ano para contemplar um estudo mais verticalizado do acervo notadamente no que diz respeito ao suporte material expresso pelas ilustrações e marcas de leitura encontradas nos livros.

A periodização escolhida (1920-1970) se explica na medida em que corresponde, grosso modo, a um momento relativamente estável e uniforme, de construção, consolidação e transformação do livro escolar no Estado de Santa Catarina, marcado por sua nacionalização e pelo surgimento de novos modelos de leitura no país, pela implantação do que se convencionou chamar *Escola Nova*. Além disso, o acervo, composto em sua maioria por doações, contempla mais estas datas até 1970.

Os livros de leitura presentes no acervo do Museu da Escola Catarinense constituem primordialmente objeto e fonte de pesquisa, buscando-se, neles, indicações de seus usos, formas de apresentação, marcas de seus leitores ao longo do tempo expressas tanto pelas marginais (escritos ao longo das beiras das páginas, grifos de leitura ao longo do tempo) e pelos chamados *objetos relíquias* (flores secas, santinhos, papéis guardados, registros de experiências íntimas feitas a partir da leitura) ainda presentes em seu interior. Como lembra Maria Cristina Delgado⁶ em seu estudo sobre sebos e livros, pode-se dizer que os livros que compõem o acervo do Museu da Escola Catarinense, em sua maioria, foram doados por ex-professores e /ou por seus familiares e muitos “já velhos e esgotados, chegavam trazendo no frontispício o cheiro da passagem do tempo e, nas páginas e margens, as marcas de quem já foi demasiadamente manuseado, desejando apenas o merecido descanso”. Mais que isso chegavam trazendo em seu interior numerosas marcas que atestavam leitura, manuseio, afeto: “... trazendo dentro de si, cartas, marca-textos, dedicatórias, bilhetes de amor, anúncios de época, notas fiscais, flores amarelecidas, anotações às margens do texto, grifos, retratos, santinhos...”⁷ que aqui serão estudadas como expressões do ato de ler, registros dos caminhos dos leitores pelas páginas e que, criam as condições para refletir acerca da presença singular do leitor durante a leitura, uma relação visceral com o impresso que permite pensar na clave

⁵ Conteí com a colaboração de duas Bolsistas de Iniciação Científica :Mônica Sol Glik (Curso de História) e Ana Lúcia Matos Menna Barreto (Curso de Pedagogia) que elaboraram um Catálogo Digital e um Álbum com os vestígios dos leitores e foram fundamentais para a efetivação da Pesquisa.

⁶ DELGADO, Maria Cristina. Cartografia sentimental de sebos e livros. Belo Horizonte:Autêntica.1999.p.18

⁷ Idem. p..19

estudada por Roger Chartier para quem” *na intimidade da maioria, com efeito, o impresso penetra, mobilizando as afetividades, fixando a memória, guiando as práticas*”.⁸

Especial atenção tem sido dada aos *objetos relíquia* que estão sendo analisados como “*dotados do poder de lembrar os amores e as amizades; registros de anotações íntimas, particulares conservados pela escrita*”⁹ Estes pequenos escritos, possuem a marca simbólica da pessoa que os fez, carregam consigo uma pequena história, uma lembrança de leitura, uma memória que demarca a obra com a dimensão da relíquia e dá certa permissão para historicizar o pessoal, o desimportante, as marcas do leitor no impresso, os caminhos dos leitores.

A pesquisa tem lidado com algumas dificuldades inerentes a trabalhos que investigam objetos e/ou materiais escolares: considerados efêmeros e pouco dignos de catalogação e guarda o acervo ainda carece de maiores cuidados no que diz respeito à sua preservação/conservação e também o número de livros ainda não é tão grande como se desejava.

Para descrição e análise dos livros foi confeccionada uma ficha bibliográfica utilizada como instrumento de coleta de dados. Logo em seguida, os dados coletados foram lançados em tabelas, especialmente elaboradas para este fim. Para este evento optou-se em apresentar a classificação do acervo por períodos, tendo por base a data da edição do livro.

TABELA I – CLASSIFICAÇÃO DO ACERVO POR PERÍODO: DATA DA EDIÇÃO

DÉCADA	QUANTIDADE DE EXEMPLARES	PARTICIPAÇÃO NO ACERVO (%)
---------------	---------------------------------	-----------------------------------

⁸ CHARTIER, Roger. Leituras e leitores na França do Antigo Regime. São Paulo: UNESP, 2004. p.227.

⁹ RANUN, O . Os refúgios da intimidade. IN: **História da Vida Privada.**/ VOL.3.São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p. 215.

1950	46	17
1960	38	14
1940	35	13
1990	32	12
1920	20	7
1970	18	6
1930	17	6
1910	8	3
1980	6	2
1800	4	1
1900	3	1
NÃO CONSTA	50	18
TOTAL	277	100

O levantamento do acervo identificou 277 exemplares até a finalização da etapa de coleta de dados, em março de 2005. Os mesmos foram classificados segundo a época de sua edição para efeitos de pesquisa evidenciando que entre as décadas de 1920 a 1970 a produção e circulação desses livros é notória. Tal dado nos permite inferir que este período coincide com a consolidação da leitura escolar e do livro escolar tanto pela ampliação do parque gráfico nacional como pelo incentivo à formação de leitores pela Escola, através do incentivo à prática da leitura escolarizada.

Uma segunda tabela, fruto da pesquisa empírica, mostra a área de conhecimento dos livros e o número respectivo de exemplares.

TABELA II: EXEMPLARES / ÁREA DE CONHECIMENTO

Área de Conhecimento	Exemplares	Participação (%)
Didática, Pedagogia, Educação.	62	22%

História, Biografias	33	12%
Romance	28	10%
Português, Literatura	28	10%
Economia, Política, Sociologia.	20	7%
Matemática	13	5%
Enciclopédias (volumes)	14	5%
Ensino/línguas estrangeiras	12	4%
Edições/línguas estrangeiras	12	4%
Latim	12	4%
Anuários, boletins	9	3%
Acervos, Museus	8	3%
Dicionários	6	2%
Geografia	6	2%
Desenho	4	1,5%
Música	4	1,5%
Ciências	4	1,5%
Municípios	3	1%
Religiões	2	0,7%
Oratória	2	0,7%
Total de exemplares	277	100

O cruzamento das duas tabelas em estudo permitiu verificar a incidência de determinados assuntos em alguns períodos, evidenciando a predominância dos livros de educação, em primeiro lugar nas décadas de 1920 a 1970. Na verdade, esta categoria envolve livros escolares, cartilhas e séries de leitura graduada para a escola primária de então. Este dado é relevante por tratar de um período da nacionalização do ensino e no investimento que o Estado estava fazendo para a formação de um cidadão *civilizado e patriota* que tinha na leitura uma prática escolar formadora de subjetividades.

Os dados parecem indicar que á medida em que a escola se institucionaliza, com espaços, tempos, métodos e saberes melhores definidos e organizados, os livros também vão se especializando, constituindo verdadeiros sistematizam dores dos saberes a serem ensinados pela escola, nos diferentes campos de conhecimento. Pela leitura do livro o saber ali disposto não se oferecia mais á memorização: emulava, sim,a produção de outros e novos saberes e dessa forma outras formas de representação do livro escolar eram instituídas, de simples depositário de cultura universal passava a ser visto como fonte de lazer (ilustrações) e manancial de experiências.

Ilustrações e Marcas de Leitura

A imagem acompanhando o texto de leitura se inicia como apoio metodológico ao método “lição de coisas”. No início, pode-se perceber que as imagens eram apresentadas em forma de desenho feito a bico de pena (mostrar figura), mas outras imagens mais fortes e até coloridas começam a se tornar mais presentes nos livros a partir da década de 1930 quando o tratamento da imagem nos livros de leitura adquire uma nova feição, é o que nos permite ver a quantidade de exemplares pesquisados neste trabalho.

Este texto além de se referir brevemente ás ilustrações pretende também analisar as marcas de leitura que foram encontradas no interior dos livros (tanto nas páginas como nas margens) para tentar evidenciar usos e apropriações dos livros por seus leitores. È também uma maneira de traçar vestígios, sinais da presença do leitor nas páginas dos livros.

Para sistematizar esta fase da pesquisa foram catalogados os livros que tinham algum tipo de marca em seu interior. No total cerca de 90 (noventa e um) livros guardavam entre suas páginas objetos (flores secas, poemas, notas de compra, bilhetes, santinhos, marcadores de leitura) e apresentavam variadas anotações de leitura feitas pelos seus leitores em épocas distintas.

Este material foi digitalizado e esta sendo analisado na perspectiva da História da Leitura, pois se como afirma Robert Darnton “*a leitura tem uma história*”¹⁰ ela não se

¹⁰ DARNTON,R. História da Leitura. IN: BURKE,P. (org) **A escrita da História.Novas Perspectivas**.São Paulo: UNESP, 1992. p.200.

desenvolveu de igual maneira nos lugares e ao que tudo indica” *o elemento humano no cenário deve ter afetado a compreensão dos textos*”.¹¹

Aqui, estudar as marcas deixadas pelos possíveis leitores permite inferir as relações dos leitores com seus livros para além dos usos autorizados. Parece evidente que só podemos fazer aproximações mas estes registros apontam e sinalizam para uma relação mais aprofundada com o impresso escolar. Nas margens ou fora delas, no texto, em papéis e relíquias guardados dentro dos livros o leitor se anuncia e assim as margens fornecem indícios sobre a relação livro/leitor e sobre a experiência de leitores comuns.

Os resultados da pesquisa parecem indicar, até o presente momento, que os leitores também *habitam* os livros e que através deles é possível conhecer certos saberes que sustentaram a aprendizagem inicial da leitura e da escrita na escola catarinense e brasileira, já que uma história da leitura e dos atos de inscrição nos livros “*não é somente uma operação abstrata do intelecto; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros*”.¹² Estas ilustrações e estas inscrições nos livros escolares aparentemente negligenciáveis podem constituir um acervo relevante para a pesquisa sobre a leitura escolar e para a pesquisa de história das instituições escolares e seus acervos de livros, além de permitir ao historiador da educação entender esta produção silenciosa que é a atividade leitora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CHARTIER, R. **História Cultural. Entre práticas e representações.** Lisboa: Difel, 1989

¹¹ Idem, p. 214.

¹² CHARTIER, R. **A Ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora da UnB. 1994. p.17.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros. Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII.** Brasília: Editora da UnB, 1994.

CHARTIER, R. **Leituras e Leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

DARNTON, R. *História da leitura.* BURKE, P. **A escrita da história. Novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992. p. 199-236.

DELGADO, M. C. **Cartografia Sentimental de Sebos e Livros.** Belo Horizonte: Autêntica. 1999.

JULIA, D. *A cultura escolar como objeto histórico.* **Revista Brasileira de História da Educação.** Volume 1. São Paulo: Autores Associados, 2000. p. 9-43.

RANUM, O. *Refúgios da Intimidade.* **História da Vida Privada.** Vol; 3. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p. 211-265.

